

## amar-amaro

WILSON CHAGAS

Carlos Drummond de Andrade publicava, aos sessenta anos, *Lição de Coisas*<sup>1</sup>; logo após, teve seu nome indicado para concorrer ao Prêmio Nobel de Literatura. Neste capítulo se esboçará, em homenagem ao poeta, a análise de um de seus temas — o tema do “amar-amaro” — e se verá que êle se acha ligado com o tema da Palavra, que é um dos temas-chave da poesia drummondiana.

No poema “Destruição”, que abre a quarta parte de *Lição de Coisas*, os amantes são “mordidos” pelo amor; e o amor semelha (é comparado a) uma cobra:

*Nada, ninguém. Amor, puro fantasma  
que os passeia de leve, assim a cobra  
se imprime na lembrança de seu trilho.*

*E êles quedam mordidos para sempre.  
Deixaram de existir, mas o existido  
continua a doer eternamente (p. 45).*

O último verso da primeira estrofe — “se imprime na lembrança de seu trilho” — lembra

*N'água e na pedra amor deixa gravados  
seus hieróglifos e mensagens, suas  
verdades mais secretas e mais nuas*

do poema “Entre o ser e as coisas”, de *Claro Enigma*. Amor grava na pedra seus passos (“seus hieróglifos e mensagens, suas/ verdades mais secretas e mais nuas”) — “assim (como) a cobra/ se imprime na lembrança de seu trilho”. E no poema seguinte do livro (“Mineração do outro”), “cada abraço tece além do braço/ a teia de problemas que

1 Carlos Drummond de Andrade, *Lição de Coisas*, Livraria José Olympio Editôra, Rio de Janeiro, 1962.

existir/ na pele do existente vai gravando” (p. 46). Êste poema ainda pode ser comparado ao “Entre o ser e as coisas” noutro ponto. Ambos terminam em “fogueira”, em “chama fria”<sup>2</sup>.

Amar é uma questão de “alma”: “por que amou por que almou” — é o primeiro verso do seu “Amar-amaro”, neste *Lição de Coisas* (p. 47). Por isso é o corpo (ou é com o corpo) que (se) ama, e não (com) o espírito. Por isso o amor “queima” (ou incendeia por dentro) como “uma fogueira a arder no dia findo”.

Amar é, assim, queimar-se; e consumir-se com o outro e no outro, como mostra a “Mineração do outro”. E sobram apenas os “ecos” de si mesmo:

*Viver-não, viver-sem, como viver  
sem conviver, na praça de convites?  
Onde avanço, me dou, e o que é sugado  
ao mim de mim, em ecos se desmembra  
 (“Mineração do outro”)*

*ah PORQUEAMOU  
e se queimou  
todo por dentro por fora nos cantos nos ecos  
lúgubres de você mesm(o, a)  
irm(ã, o) retrato espéculo por que amou?  
 (“Amar-amaro”).*

Mas amor é sempre “indagação” — e por isso dói. Logo após os versos citados, lê-se:

*“se era para  
se era por  
como se entretanto todavia  
tôda vida mas tôda vida  
é indagação do achado e aguda espostejação  
da carne do conhecimento, ora veja*

E, “Entre o ser e as coisas”, êle começa com êste verso (com o verbo “indagar”):

“Onda e amor, onde amor, ando indagando”.

2 *Amor é compromisso  
com algo mais terrível do que amor?  
— pergunta o amante curvo à noite cega,  
e nada lhe responde, ante a magia:  
arder a salamandra em chama fria*

(“Mineração do outro”).

*E nem os elementos encantados  
sabem do amor que os punge e que é, pungindo,  
uma fogueira a arder no dia findo.*

(“Entre o ser e as coisas”)

É um amor que se "amofina", êste: "indagação do achado", e portanto um "amofinar-se" ou "amar-amor". Por isso "lavra" e destrói (Carlos Drummond de Andrade dá o título de "Lavra" aos três poemas em que trata de amor, neste seu último livro). Por que "lavra"? "Os dias (são) consumidos em sua lavra", como os "ares (são) lavados, / do que era amor e, dor agora, é vício" (Mineração do outro). No entanto —

*Que pode uma criatura senão,  
entre criaturas, amar?  
amar e esquecer,  
amar e malamar,  
amar, desamar, amar?  
Sempre, e até de olhos vidrados, amar*

— pergunta-se êle em "Amar", de *Claro Enigma*. O amor é "chama", língua de fogo que consome e devora. E é a sua chama que "lavra" . . .

*. . . no solo ardente, porções de minh'alma  
nunca antes nem nunca mais aferidas em sua nobreza  
sem fruto*

como se confessa — obliquamente — o Poeta em "Tarde de Maio" (também de *Claro Enigma*).

A palavra tem poder (evocativo ou encantatório) sobre as coisas. A palavra é uma voz (ou tem voz), e por isso "fala". Mas em Carlos Drummond de Andrade a palavra é "voz dispersa", desarticulada, quase inaudível — voz que contudo mantém "vivas as coisas/ nomeadas" (p. 16).

A palavra é, assim, o "conduto" — o que conduz o homem até as coisas, permite reencontrá-las. E, embora tenha uma voz débil (é mais o "eco" que ficou dela, da sua "voz dispersa"), com a palavra o Poeta quer ressuscitar as coisas: chamando-as pelos nomes, nomeando-as. Por isso escreve:

*Que seria delas [das coisas] sem o apêlo  
à existência,  
e quantas feneceram em sigilo*

*se a essência  
é o nome, segrêdo egípcio que recolho  
para gerir o mundo no meu verso?  
para viver eu mesmo de palavra?  
para vos ressuscitar a todos, mortos  
esvaídos no espaço, nos compêndios?*

("A palavra e a terra", p. 16).

E quanta palavra esdrúxula, estrambótica, Carlos Drummond de Andrade desencavou nesse poema, e no livro todo! Êle promete, como vimos, "ressuscitar a todos, mortos", chamar à existência tôdas as coisas — pelo nome. É a isso que se chama "invocar" os mortos:

*goiaba d'anta angelim  
rajado burra leiteira  
tamboril fimbó cazumbra  
malícia d'água mumbaca (p. 16).*

E conclui:

*Tudo é teu, que enuncias. Tôda forma  
nasce uma segunda vez e torna  
infinitamente a nascer. O pó das coisas  
ainda é um nascer em que bailam mésons (p. 17).*

Mas a palavra, que assim designa e evoca as coisas, pelo nome, é um ser, êle próprio, "esquecido de quem o criou" é algo que está sobrando — inominado — e "flutua":

*E a palavra, um ser  
esquecido de quem o criou; flutua,  
reparte-se em signos — Pedro, Minas Gerais, beneditino  
para incluir-se no semblante do mundo (p. 17).*

O "nome" é, pois, algo inominado, vazio da coisa que contém — e domina, mais do que "nomina" (ou nomeia). "O nome é bem mais do que nome: o além da coisa, / coisa livre de coisa, circulando", diz êle, em continuação aos versos acima.

*E apenas resta  
um sistema de sons que vai guiando  
o gôsto de dizer e de sentir  
a existência verbal*

*a eletrônica  
e musical figuração das coisas? (p. 18)*

pergunta-se o Poeta. Ou seja: das palavras, assim reduzidas ao seu invólucro, transformadas em mero som ôco (eco de si mesmas), se há de fazer apenas poesia? E poesia é apenas isso, e nada mais?

É esta a interrogação central, grave e fundamental interrogação, que Carlos Drummond de Andrade faz, já no poema inicial dêste seu livro, que se apresenta como *Lição de Coisas*. O poeta quer aprender (e aprender) a essência das coisas, nomeando-as, evocando-as, despertando-as para a existência com a palavra. Mas a palavra é pobre — embora poderosa. ("O nome é bem mais do que nome: o além da coisa, / coisa livre de coisa, circulando".) E afinal as palavras não sabem o que dizem (e o que sentem).

Começa o livro com "A palavra e a terra" (na *Origem*, título da primeira parte) e o conclui com *Palavra*, que subdivide em "Isso é aquilo" e "F". "Isso é aquilo" são palavras sôltas, é o processo de desarticulação sintática levado ao extremo de despojamento (ou de esquarteramento). Uma coisa é outra, indica outra, se resolve noutra, nesse poema — e terminam se negando umas às outras, umas nas outras, sem nada indicar, nada exprimir, nada dizer. São palavras mudas e isoladas, que não falam nem se ligam umas com as outras. Volta-se ao caos informe anterior à criação, quando não havia Palavra. E no poema final, "F" (tanto não havia palavra, que sobra apenas uma letra), se prenuncia a "forma" originária, que poderia desfazer o caos, criar o mundo: uma forma ainda ignota,

*que se esquivava  
por isso mesmo viva  
no morto que a procura* (p. 95).

O resultado é desolação — e dissolução de tudo o que é "forma", de tudo o que "se forma", se gesta e se transforma — de tudo o que atravessa o ser, e não existindo, não sendo, vive, se insinua e circula, como algo essencialmente "factível", fabricado. A palavra é forma esquivada; não encontrá-la já não causa "nenhum desgosto" pois, conclui êle —

*abarrotas o largo armazém do factível  
onde a realidade é maior do que a realidade.*

Tudo são palavras, e nada é palavra. Tudo é nada.

Assim se explica que os títulos das diversas seções em que dividiu o livro sejam todos substantivos, e meros substantivos: "Origem", "Memória", "Ato", "Lavra", "Companhia", "Cidade", "Ser", "Mundo" e "Palavra". No seu livro as palavras estão em desordem, sôltas, sem elo ou ligação entre si e com as coisas (que elas não conseguem nomear), são palavras-títulos, ou substantivos isolados, no limiar da Palavra.

E aqui o tema da Palavra entronca no tema do Amor, ou do "amar-amaro":

*O corpo em si, mistério: o nu, cortina  
de outro corpo, jamais apreendido,  
assim como a palavra esconde outra  
voz, prima e vera, ausente de sentido*

("Mineração do outro").

A palavra "esconde outra", se oculta de si mesma: é palavra ausente e encobridora de "outra/ voz, prima e vera, ausente de sentido". A palavra é "nua" — como o corpo "em si", que é nu, e "cortina/ de outro corpo,

jamais apreendido". Quer dizer que a nudez não descobre, mas ao contrário "encobre", esconde, oculta — "assim como a palavra esconde outra/ voz, prima e vera", (e não obstante, e por isso mesmo) "ausente de sentido". Pois a outra voz, que não se vê, que é "carente" (para nós, que dela carecemos) é sentida como ausente (de sentido). E é, afinal, a voz do amor que nos falta e

*... em ecos se desmembra;  
nem resta mais que indício,  
pelos ares lavados,  
do que era amor e, dor agora, é vício.*